

O Rosário de D. Antonio: Irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1849 - 1872

(Marcelo MacCord. Recife: EdUFPE, 2005.)

Severino Vicente da Silva

Professor Adjunto do Departamento de História da UFPE,

sócio do Instituto Histórico de Olinda

Recentemente foi lançado em forma de livro, pela Editora Universitária da UFPE, para acesso a um público mais amplo que o de frequentadores das bibliotecas dos cursos de pós-graduação, *O rosário de dom Antonio: irmandades negras, alianças e conflitos na história social do Recife, 1848- 1872*. Marcelo MacCord, em a sua dissertação, busca novos caminhos para interpretar a atuação das Irmandades religiosas no final do século XIX, especialmente a Irmandade de Nossa Senhora dos Homens Pretos de Santo Antonio, no Recife.

Cuidadoso em continuar a reflexão acadêmica sobre tão interessante tema, Marcelo faz uma bela revisão crítica de obras de estudiosos que se dedicaram á pesquisa da história social de Pernambuco. Esse cuidado, contudo, não o afastou da convivência com os documentos originais, na visita aos arquivos; também não condicionou a sua incursão sobre o século XIX das ruas do Recife às páginas impressas pelas editoras, mas visitou as bibliotecas de vários mestrados, verificando o que está sendo produzido e ainda não posto nas livrarias. Além de buscar entender o que aconteceu nas relações sociais do Recife após a Revolução Praieira, notadamente no mundo religioso organizado das irmandades que, por seu turno tentava organizar as relações entre os diversos grupos sociais que estão escondidas nas palavras negras /a”, “escravo /a”, “liberto /a”, etc., Marcelo nos introduz no debate que havia sido feito apenas entre orientadores e orientandos, assim enriquecendo o nosso conhecimento à medida que retira do desconhecimento trabalhos que não foram publicados.

A questão central do seu pensamento foi apresentar soluções para um quadro que se cristalizou na historiografia a respeito das irmandades religiosas que agrupavam os negros no período imperial: eram locais de resistência da cultura afro, ou locais de acomodação das culturas afro à sociedade branca dominante?

Marcelo MacCord prefere, analisando as contradições intra e extra irmandades, entender que essa polarização era inexeqüível por conta das contradições vividas na sociedade recifense de então, e despe as irmandades de sua imunidade às influências de poder que o grupo social dominante, necessariamente, exerce sobre aquelas agremiações religiosas. Mostra que as contradições ocorrem no interior das irmandades, como os interesses dos diversos grupos profissionais, ou de ofício. Também nelas se encontram as disputas pelo poder, as subtrações não esclarecidas de patrimônio, as relações não esclarecidas entre polícia, justiça e Mesas das Irmandades. Interessante como ele aponta que o conflito ocorrido entre a irmandade do Rosário e a brincadeira do maracatu está na origem da

separação dessas duas instituições culturais: a primeira mantida sob a proteção da lei e a segunda ao arripio da legislação que não mais reconhece os Reis do Congo desde o início do século XX. Talvez, para um melhor entendimento da questão, o funeral de Dom Antonio ficasse melhor situado no primeiro ou segundo capítulo, isso se o objetivo fosse o que se desenhou na conclusão, quando se discute as origens do Maracatu. Ali, o nosso autor, infelizmente, põe o Maracatu Rural como um descendente direto do Maracatu nascido nas ruas do Recife, o que o leva a, enganadamente, oferecer respaldo às pretensões de Salustiano, o mestre Salu. O Maracatu de Orquestra já se apresentava nas ruas do Recife no tempo em que Salustiano vivia em Aliança. Entretanto, este percalço é decorrente da leitura ortodoxa que Marcelo faz da ortodoxia criada por Mário Melo, Katarina Real e outros citados em seu trabalho. Não havia necessidade dessa sua incursão na zona rural de Pernambuco, uma vez que sua temática era urbana.

Apesar do dito acima, e também por isso, O Rosário de D. Antonio deve ser uma obra a ser lida e estudada por aqueles que pretendem conhecer melhor o Recife do século XIX.

Revista Eletrônica Cadernos de Olinda

<http://www.iholinda.org/2007/10/15/rosario-d-antonio/>